

Saúde pela tradição e desatenção do atendimento público

MUCURACAÁ

Conhecida como guiné, erva-de-guiné, erva-de-alho, erva-pipi, t ipi, amansa-senhor, caá é planta aromática muito usada, no Pará, em banhos cheirosos. Mas é usada como remédio, pois tem poder analgésico e anti-inflamatório, combate reumatismos, infecções genitais entre tantos outros usos. Raízes e folhas são bastante utilizadas pelos conhecedores da planta.

Mucuracaá (*Petiveria alliacea* L.) serve pra tudo, vocês não conhecem o poder do mucuracaá. Quando um parente teve lepra, a doença parou com o mucuracaá. Eu pego, coloco a planta dentro da garrafa de cachaça, enterro só com a boca pra fora, pra respirar. E deixa lá, pegando chuva e sol. Depois desenterra e dá pra pessoa beber. Depois disso ele viveu benzinho. Já tinha ficado com ferida, né, do início da doença. Mas, não piorou mais, ele viveu anos e bem!

Há muitos remédios, nem queiram saber o poder do magnésio! Quer viver bem, toma uma colher de magnésio por dia. ‘Tá com dor na barriga, é só tomar também. A pessoa que foi envenenada deve tomar logo o magnésio, que sai tudinho (o veneno se esvai).

Não tem mais planta medicinal aqui no meu quintal, antes eu tinha tudo aqui, as formigas acabaram com tudo. De uns tempos pra cá encheu tudo de formiga. Outro dia um moço pediu pra apanhar cacau na minha árvore, eu deixei e ele desceu desesperado, se ardendo de formiga. Não dá mais pra pegar nada.

Hoje em dia ninguém mais toma remédio caseiro. Foi acabando tudo por causa de formiga, mas também tem aquela história ... O pessoal que é evangélico condena o uso de nossos remédios. Antigamente, nossos pais eram pajés, saíam de casa em casa cuidando de quem ‘tava doente. Hoje em dia, todo mundo é evangélico ninguém quer mais saber, não. Ninguém mais toma remédio caseiro, feito por nós. É raro ver um pajé, hoje em dia, quase todos se tornaram evangélicos. E assim não se dedicam mais à cura segundo nossos preceitos.



[Na sequência, Dona Maria aponta as dificuldades com o sistema de saúde existente no local].

Antes só tinham três leitos no posto de Santa Maria. Hoje as pessoas reclamam, mas já foi muito pior. Eu tive que fazer uma operação uma vez, demorou dois anos pra conseguir, porque não vagava nenhum leito. Era uma operação no útero. Quando foram operar a enfermeira me anestesiou e perguntou se eu ainda ‘tava sentindo algo. Eu dizia: “Claro que estou, eu não ‘tô morta!”. Tem gente que é resistente, né? Ela aplicou a injeção duas vezes pra fazer efeito. Quando eu não sentia mais nada, falei: pode me cortar, que agora eu tô morta (não sinto nada). Ainda assim, a anestesia era para o corpo todo, mas só amorteceu a minha barriga, eu fiquei acordada, vi toda a operação. A enfermeira dizia: “... tem que cobrir o rosto dela! Ela não pode ficar vendo a cirurgia!” e eu respondia: “... não tem que cobrir nada, eu não ‘tô brincando de **cabra cega!** Eu quero ver o que ‘tá acontecendo comigo!”.

Tiraram de dentro de mim um objeto desse tamanho [assinala com as mãos], transparente, brilhante, duro feito pedra. Eu não sei o que era, tiraram do meu útero. Depois eu fiquei naquele leito. Tinha uma mulher do meu lado, que ela não tinha ninguém, não tinha família, ninguém ia visitar. Aí a gente levava comida pra ela todo dia, meus filhos traziam o rancho pra mim e pra ela. Até que um dia a cama dela começou a encher de formiga, um ninho de formiga subindo pelo braço, pelo rosto e ninguém fazia nada. Até que eu chamei a enfermeira e disse: “Vem cá, vocês vão deixar a cama dela desse jeito, é?! Não vão limpar a mulher, não?”. Aí que a enfermeira foi fazer a limpeza dela.

[A narrativa de dona Maria mostra que diante da desatenção se fica tonto e, mesmo sobre uma cama se deve demandar direitos mínimos, é uma violência.]

JOGO DA CABRA CEGA

É a denominação de uma brincadeira infantil, na qual os participantes apanham um lenço e vendam os olhos de um dos participantes e o fazem girar sobre si mesmo para ficar meio tonto. Os demais brincantes ficam em roda de mãos dadas, se esquivando das mãos da cabra-cega, pois o importante é tentar pegar um dos participantes, que precisa identificá-lo pelo tato, em meio a algazarra que os jogadores fazem. Identificado o colega, este assume o lugar da cabra-cega. E assim a brincadeira vai longe desafiando o conhecimento de quem ficou cabra-cega.

